

Desde as eleições de ano a Tribuna Operária adapta sua programação para o dia 3 de janeiro. Aguarde no número 30 um balanço político do ano.

Os tanques de Brejnev preparam-se para invadir a Polônia

Página 8

Congresso contra a Carestia exige congelamento dos preços e aluguéis

Página 2



A presença popular foi o tônico em Belo Horizonte



Posseiros do Sul do Pará mataram 4 em defesa da terra. Última página

JAGUNÇO VIROU DEFUNTO

Editorial

A greve foi uma aula

A greve nacional dos professores universitários foi uma lição para os trabalhadores em geral, dentro do curso intensivo de lutas econômicas e políticas que todos nós estamos frequentando nos últimos dois ou três anos.

* Os professores que pararam pertencem ao funcionalismo público, um setor que está sofrendo verdadeiro massacre salarial. Seus salários só aumentam uma vez por ano, enquanto os preços sobem todo dia. No início de novembro, quando a situação tornou-se insuportável, eles partiram para uma greve articulada em todo o país. As escolas federais foram parando, uma por uma. E depois de mais de um mês o movimento alcançou uma vitória de peso, que certamente vai repercutir em outras categorias.

Primeiro, porém, os mestres grevistas tiveram que enfrentar a intransigência do general Figueiredo. E também ai os acontecimentos foram muito instrutivos. Mostraram a lógica do regime militar.

* A primeira reação do governo foi endurecer. Quando a crise na universidade piorou, e o ministro da Educação mostrou certa compreensão para com os professores, Figueiredo tratou logo de cortar a cabeça do ministro. No lugar de Eduardo Portella, tido como um avalista da "abertura" dentro do gabinete de ministros, entrou Rubem Ludwig, um general, saído diretamente do mal chamado Conselho de Segurança Nacional. Ludwig assumiu o cargo dirigindo aos professores

um sorriso e vagas promessas. Em seguida engrossou, ameaçou. Os grevistas, porém, ficaram firmes. E no dia 9 de dezembro Figueiredo terminou sendo obrigado a recuar, cedendo a várias reivindicações dos professores, inclusive dando-lhes reajustes salariais escalonados na ordem de 120%. Foi uma vitória dos profissionais da educação sobre o governo da jenerancia.

* Mas, se o general Figueiredo teve que ceder parcialmente diante da resolução dos docentes, seu colega de farda ficou no Ministério da Educação. E o resultado do episódio, como o de tantos outros nesse sistema de crises, foi um maior desgaste do regime militar.

A verdade é que o regime vai se enrolando em toda uma teia de problemas que ele é incapaz de resolver. Além da educação, há o exemplo das eleições. Figueiredo adiou as deste ano, logo depois concordou que as de 1982 serão diretas para os governos estaduais, mas agora já está dizendo que para tanto ele quer primeiro modificar as regras do jogo eleitoral. Há também o caso do Fundo Monetário Internacional, proibido o governo dizia que nem pensava em comprometer-se com esta agência do capital financeiro norte-americano; porém a seguir já começou a obedecer às orientações do Fundo; e agora já fala abertamente em bater a porta do FMI, atrás de empréstimos.

* Para estes e tantos outros problemas vale a salda apontada pelos professores: não esperar nada deste governo, tomar o pélo na unha e confiar apenas na união das lorgas do povo e da democracia.

Cada vez menos gente do lado de Figueiredo

Página 3

Paraná enfrenta multitis

Página 5



A Polícia Militar dissolve um piquete de lavradores na porta da multinacional Sada

Grande assembleia contra carestia

O que mais caracterizou o I Congresso Nacional de Luta Contra a Carestia, realizado em Belo Horizonte nos dias 6 e 7, foi o ânimo combativo dos participantes. Logo no início do Congresso foram recebidos com festa os integrantes da caravana de São Paulo, que venceram uma barreira da polícia para conseguir chegar à capital mineira.

Seis dos dez ônibus de São Paulo que se dirigiam ao Congresso, ficaram retidos durante três horas, no posto da Polícia Rodoviária da cidade Paulista de Atibaia. Sob a falsa alegação de que os ônibus estavam com a documentação incompleta, tentaram fazê-los voltar. Mas os 240 integrantes da caravana tomaram conta do posto policial e fizeram uma barreira na estrada, impedindo a passagem de qualquer veículo e pedindo a solidariedade na luta pela liberação dos ônibus. Formou-se uma fila de veículos com três quilômetros na estrada. Formou-se uma fila de veículos com três quilômetros na estrada. Formou-se uma fila de veículos com três quilômetros na estrada. Formou-se uma fila de veículos com três quilômetros na estrada.



A cima: cerca de 700 pessoas participaram ativamente do I Congresso de Luta Contra a Carestia. Ao lado: grupo de congressistas cantam músicas sobre a luta do povo.



MOVIMENTO POPULAR

Cerca de 700 pessoas de nove estados estavam presentes ao Congresso, sendo 48% operários, 33% trabalhadores rurais, 15% donas-de-casa e 16% de estudantes. A animação era grande. Dona Rosa Bezerra, mãe de 10 filhos, veio de Fortaleza, enfrentou três dias de viagem e disse: "Estou aqui porque a gente não aguenta mais passar fome. Aqui no Congresso estamos aprendendo outras maneiras de lutar".

Também estiveram presentes, representantes do PMDB, PDI e PT, juntamente com representantes de diversos sindicatos operários e de trabalhadores rurais.

SINDICATOS CONTRA CARESTIA

Raimundo de Lima, presidente

do Sindicato dos Padeiros de São Paulo, acha que ainda está sendo pouca a participação dos sindicatos na luta contra a carestia: "Não adianta ficar apenas na luta econômica. Devese reivindicar uma situação de vida melhor". Guerreiro, recém-eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Fortaleza, foi um dos mais aplaudidos ao afirmar que "o novo processo de organização nos sindicatos para mudar este regime de miséria".

Uma questão levantada no Congresso foi a necessidade de uma reforma agrária radical. Vários oradores disseram que hoje há carestia, porque não há alimentos, porque no campo impera o latifúndio. Planta-se capim e produtos de exportação, enquanto grande parte da população passa fome.

Dona Ana, moradora da cidade paulista de Matui, que saiu de Minas corrida dos fazendeiros, recebeu

muitos aplausos ao conchamar o povo a "lutar para que cada um tenha seu pedaço de terra, e seja livre".

ATÉ O MOTORISTA ADERIU

Uma surpresa agradável foi quando um dos motoristas da empresa contratada para levar a comitiva de São Paulo, resolveu participar do MCC. Ele disse ao Congresso: "Quando fui o ônibus pensei que vocês fossem turistas, nunca imaginei que fosse convidar pessoas que lutam por uma causa tão justa".

Um problema bastante debatido foi a luta pelo congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade. Os participantes do encontro destacaram que, para que esta luta vá adiante e tenha maior consequência, precisa ser assumida pelos sindicatos. Além, a luta contra a alta dos preços interessa particularmente os trabalhadores, que têm seu salário sempre aviltado pela alta do custo de vida. Como os reajustes salariais estão sempre aquém da taxa de inflação, o trabalhador compra cada vez menos com o que ganha.

Na luta pelo congelamento dos gêneros de primeira necessidade, o Congresso decidiu impulsionar manifestações contra a elevação dos preços do feijão, arroz, leite etc. Com o mesmo objetivo, resolveu-se incentivar reuniões em bairros, sindicatos e entidades, e apoiar a ideia de uma greve geral dos trabalhadores.

Finalmente, o Congresso destacou a necessidade de ampliar cada vez mais a luta contra a carestia, que deve congregar todos aqueles que sofrem com ela. Para isso, é preciso mobilizar milhões de trabalhadores, donas-de-casa, estudantes, gente de todas as religiões, de todos os partidos políticos e correntes de pensamento, unificadas numa luta que interessa à esmagadora maioria dos brasileiros. (Domingos Abreu)

Contra taxa da APM

São Paulo, SP — Cerca de mil pessoas reuniram-se na Igreja Matriz de São Miguel, na Zona Leste, para debater a questão do pagamento da taxa da Associação de Pais e Mestres (APM).

Embora pela lei o pagamento desta taxa não seja obrigatório, os colégios têm vindo criando formas de pressionar seus alunos a pagá-la, inclusive com a ameaça de não aceitar as matrículas dos que se recusam a contribuir. Assim, as escolas públicas encontram uma forma de cobrar os estudos, discriminando os alunos de origem mais pobre, sem condições de pagar a taxa.

Além de pais e mães dos escolares, estavam presentes o Bispo da zona Leste, Dom Angélico, representantes da União dos Diretores de Escolas do Magistério Oficial e da União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas. Os secretários da Educação do Estado e do Município, convidados com um mês de

antecedência, não compareceram ao encontro.

Os participantes mostravam um abaixo-assinado com 12 mil assinaturas, que circulou na região, com as seguintes reivindicações: que a contribuição para a APM seja livre, conforme manda a lei, que sejam aceitas matrículas dos escolares sem a exigência do pagamento da APM, que não se faça diferença de tratamento entre as crianças que pagaram e as que não pagaram taxa de APM na hora da matrícula ou durante o ano escolar, que as cobranças recolhidas pelas APMs não sejam destinadas de seus objetivos legais, como a assistência aos alunos necessitados, que o Estado cumpra seu dever, fornecendo mais verbas para educação.

Como resumiu o Bispo da zona Leste: "Não podemos suportar a vergonha de, além de pagar impostos, ver crianças serem obrigadas a pagar a taxa da Associação de Pais e Mestres".

Ditadura dá vexame

"O governo brasileiro e a Fundação Nacional do Índio (Funai) encorajam, comprovada e legalmente, a ocupação de terras pertencentes aos índios, frustrando em proteger os interesses das tribos. A Funai concede certificados falsos, negando a existência de índios nas terras e autoriza empresas privadas a tirar proveito de incentivos fiscais altamente favoráveis para iniciar projetos agrícolas nessas terras".

O Tribunal Bertand Russel, da prestigiada entidade democrática internacional que julga os crimes contra a humanidade, concluiu com esta denúncia seu parecer sobre a situação do índio no Brasil, colocando uma pá de cal na já desacreditada política indigenista do regime brasileiro. E, para dar maior ênfase em seu protesto contra Brasília, ainda aclamou o cacique xavante Maria Juruna como o presidente de honra da entidade.

O vexame que isto causou ao "governo da abertura" não poderia ser maior: afinal, as autoridades não tiveram para impedir que Juruna participasse do Tribunal, usando desde que o órgão não é do Brasil no exterior.

Mas todos os obstáculos apresentados pelo governo foram superados, graças à disposição de Juruna e ao apoio que este recebeu das forças democráticas. Mundo de seu famoso gravador, o cacique xavante foi autorizado a viajar pelo Tribunal Federal de Recursos, por 15 votos a nove, partindo a tempo de chegar no encerramento do Tribunal. Mas antes de partir, Juruna deu seu recado: "quero a união dos índios com posseiros e fazendeiros contra a Funai e o governo, porque eles roubam nossas terras para, depois, vender aos brancos".



Aldo Rebelo, novo presidente da UNE toma posse

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

Nova direção na UNE

Somente para os gerais e seu partido — o PDS — a UNE não representa os estudantes brasileiros. Isso foi demonstrado mais uma vez na posse da nova diretoria da entidade, que contou com a presença de dezenas de dirigentes de partidos políticos, representantes de organizações e movimentos democráticos e populares, além de várias personalidades. Cerca de 1.200 pessoas compareceram ao teatro da PUC de São Paulo, embora fosse segunda-feira e chovesse a cântaros.

PESO POLÍTICO

O ato de posse da chapa eleita, Viração, mostrou o respeito que a maioria da sociedade tem para com a entidade representativa dos estudantes brasileiros. O peso político do ato foi bem maior do que no ano passado, quando foi empossada a primeira diretoria após a desarticulação da entidade, no negro período do governo Médici.

Compareceram ao ato, entre outros, o senador Teotônio Vilela, o prefeito de Piracicaba, João Herman Neto, ex-líderes estudantis como Aldo Arantes, Renato Rebelo, José Dirceu, Luís Travassos, Altino Dantas e o diretor teatral José Celso Correia.

LUTAS UNITÁRIAS

O novo presidente, Aldo Rebelo, tomou posse reafirmando seu compromisso "com a liberdade, a justiça e os direitos dos estudantes e de todo o povo". "A UNE — disse ele — tem que ser uma entidade democrá-

tica, uma entidade em defesa dos trabalhadores, em defesa da Justiça. Assumimos aqui, publicamente, a defesa da heroica União Nacional dos Estudantes". A nova diretoria se compromete a aplicar todas as decisões do Congresso de Piracicaba. Considera que como entidade representativa de todos os estudantes, tem de respeitar as decisões aprovadas pela maioria. Embora existam diversas correntes de pensamento entre os estudantes, elas têm muitos pontos em comum. E sua entidade representativa deve conduzir as lutas unitárias capazes de mobilizar o conjunto do estudantado.

ESPIRITO COMBATIVO

Em sua esmagadora maioria, os oradores do ato destacaram a importância da entidade e de sua intervenção na luta maior de todo o povo por liberdade e justiça social. O próprio Aldo destacou em seu discurso a história de luta da UNE ao longo de sua existência. Relembrou os estudantes presos, torturados, mortos e desaparecidos na luta contra o fascismo e a opressão. E reafirmou que a entidade máxima dos estudantes brasileiros saberá honrar esta tradição combativa, saberá retomar o caminho percorrido, entre outros, por Honesto Guimarães, desaparecido em 1973 nos cárceres do regime. Para a nova diretoria, isto significa, hoje, engrossar a luta do povo por amplas liberdades políticas, pelo fim do regime militar e pela convocação de uma Assembleia Constituinte livre e soberana. (Olivia Rangel)



Dom Pedro, entre o povo, sem medo dos generais

Querem expulsar o bispo

Goiania, GO — O Bispo de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, deu uma resposta no último dia 25, em Goiânia, à campanha movida pelos generais para expulsão do Brasil. Tal campanha tem sido feita na prática tanto através de parlamentares do PDS quanto pelo próprio Exército. O 58º Batalhão de Infantaria, localizado em Barra dos Garças, no Estado de Mato Grosso, tem realizado operações na região com o objetivo de intimidar e resolver as armas de caça dos camponeses e cultivar membros da oposição, principalmente Dom Pedro.

O Bispo de São Félix denunciou o Brigadeiro Otomar de Souza Pinto, donatário do território de Roraima, por estar dizimando a população indígena da região. Casaldáliga ainda divulgou o documento final do I Encontro Indígena Panamericano de Pastoral Indígena realizado no mês passado em Manaus. O documento, de caráter de denúncia, acusa as riquezas da Amazônia pelos imperialistas, conclui: "Toda esta luta indígena específica incorpora a luta global dos pobres por sua libertação numa perspectiva latino-americana". (Da Sucreal)



Secundaristas

Goiania, GO — Cerca de 12 mil estudantes fundaram nos dias 27 e 28 de novembro a União Municipal dos Estudantes Secundaristas. Na ocasião foi eleita a chapa **Participação**, que trazia em sua carta programa a luta pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte convocada por um governo democrático e de unidade popular. Os 24 membros da chapa têm grande penetração entre os estudantes.

desde a fundação do ex-MDB. A vitória da Têndencia Popular no Espírito Santo abriu espaço para a militância de amplos setores democráticos no Estado, que sempre viram com reserva as lutas desenvolvidas sob a orientação da antiga cúpula do partido. Os derrotados, o ex-prefeito de Colônia Hugo Borges e o deputado federal Luiz Baptista Saad do PMDB e fundaram o PP no Estado.

Punição

Campinas, SP — O diretor do Colégio de 1º e 2º graus Carlos Gomes, Sabino Ferreira Afonso, fechou o Centro Cívico da escola no dia 23 de outubro e abriu sindicância para apurar a atividade da diretoria. Além disso, marcou de expulsão o aluno Nicola Marcoteiro Filho. A diretoria do colégio também está em decorrência da greve dos estudantes em solidariedade aos professores, realizada no dia 14 de outubro, além da adesão dos alunos à greve convocada pela UNE entre 10 e 12 de setembro. A diretoria do centro cívico reuniu-se, decidindo lutar por liberdade de expressão nos centros cívicos e pela reconstrução de entidades estudantis livres.

Encontro

Americana, SP — Não haverá melhoria no nível nas condições de ensino no Brasil enquanto perdurar o regime militar antidemocrático, antipopular e anticonstitucional. Essa foi conclusão final do Encontro Estudantil de Americana, realizado no último dia 7 de novembro, com a presença de representantes do Movimento Estudantil do PMDB de Americana, da Comissão Pró-FEUSA, do Diretor Acadêmico da Faculdade Dom Bosco, do DCE da Universidade Metodista de Piracicaba, do Centro Acadêmico Lus de Ottonário, do Diretor Acadêmico da Fundação Emílio Rotta (da Escola de Enfermagem de Santa Bárbara D'Oeste) e dos deputados Wandley Macris, estadual e Ralph Bassi, federal do PMDB de Americana.

A maioria das entidades presentes, aprovou o apoio a uma petição convocada da Assembleia Nacional Constituinte precedida pela conquista das mais amplas liberdades políticas. (Do correspondente)

PMDB

Vitória, ES — Por 29 votos a favor e apenas 13 contra, o deputado estadual da Têndencia Popular, Dilson Lyrio Neto foi eleito, no final dos meses passados, presidente do Diretório Regional do PMDB no Espírito Santo. Sua vitória, além de ter colocado fim no caciquismo comprometido que sempre empertou o avanço das lutas populares no Estado, se constitui numa garantia de que as bandeiras partidárias serão levadas até as últimas consequências. Agora, a Têndencia Popular conta também com o ímpeto do partido na Assembleia, Roberto Valadão. Deputado dos mais combativos, Dilson Lyrio representa a renovação da cúpula do PMDB que os opositores mais consequentes pretendiam

É hora de ler

O imperialismo e a revolução

O livro de Enver Hodja é uma poderosa arma nas mãos dos trabalhadores, em defesa de seus interesses fundamentais

Pedido de compra

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Estado: _____
Cidade: _____ CEP: _____ Fone: _____

Esteja atento ao cheque nº _____ no valor de Cr\$ 400,00, em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda., sua Beneficência Portuguesa nº 44, rua 206, SP, CEP 01033

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo. ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____ Fone: _____

Estou remetendo um cheque de Cr\$ 750,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itaú - Agência Jucegávia - conta nº: 03154 São Paulo - Capital.

Princípios

Aguarde para breve o lançamento de Princípios, uma revista teórica, política e de informação a serviço da propagação do socialismo científico no Brasil

Tribuna Operária

Journalista responsável: Pedro de Oliveira
Conselho de direção: Rogério Corrêa, Sérgio de Aguiar, José Aguiar
Redação: Rua Governador Balduino, 301, Barra Velha - São Paulo, capital - CEP 01338
Tel. 367-9371
Anúncios: Rio de Janeiro: R. Siqueira Filho, 11-3307 - CEP 20041 - Minas Gerais: R. Cisalmano Rodrigues, 249 - Belo Horizonte - CEP 30000 - Bahia: Salvador - CEP 40000

H. Pedro Vilela 3 - CEP - Salvador - CEP 40000 - Bahia: R. Siqueira Filho, 11-3307 - CEP 20041 - Minas Gerais: R. Cisalmano Rodrigues, 249 - Belo Horizonte - CEP 30000 - Bahia: Salvador - CEP 40000
Espírito Santo: R. Governador Balduino, 301 e 302 - Barra Velha - CEP 01338
Rio Grande do Sul: R. Siqueira Filho, 11-3307 - CEP 20041 - Minas Gerais: R. Cisalmano Rodrigues, 249 - Belo Horizonte - CEP 30000
A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. impressa na Cia. Editora Jucávia, rua Geel, 9 - CEP 01000 - São Paulo

A GUERRILHA REDESCOBERTA



A cima, posseiros do vale do Araguaia; à direita, o mapa da área conflituosa, mostrando as bases das guerrilhas; abaixo, Osvaldinho (à esquerda) e João Haas

As bases da guerrilha



“Viver com o povo”

Neste segundo artigo, Paulo Fonteles fala da preparação da guerrilha

O Partido Comunista do Brasil, depois que rompeu com a linha pacifista de Prestes, em 1962, procurou levar à prática a sua concepção de que a revolução brasileira passa inevitavelmente pela luta armada. Depois de algum tempo de pesquisa, escolheu o vale do baixo Araguaia e curso médio do Tocantins para preparar a luta armada revolucionária. A escolha deveu-se a alguns fatores o militar — uma região coberta de mata fechada, onde as Forças Armadas teriam muita dificuldade para usar meios militares avançados, canhões, tanques e aviação, o da segurança — uma região “desquimada”, com fraca presença da repressão, o político — a região tenderia a se tornar bastante povoada por camponeses pobres, povos e lavradores expulsos de outros lugares já rumavam para o Araguaia.

COMO NO VIETNÃ

A concepção que norteava o partido era a de que a delegação da guerra revolucionária seria um trabalho a longo prazo. Era necessário antes de tudo uma profunda integração com as massas, que só poderia ser conseguida com um trabalho paciente. Como disse o Ho Chi Minh, o grande revolucionário vietnamita, seria preciso “comer, trabalhar e viver com o povo”. Primeiro, era necessário conquistar a confiança das massas locais. Uma confiança que

entre os camponeses só pode ser conquistada através de ações concretas, de exemplos diários, e não de discursos ideológicos.

“NEGÃO” E SEU RISO AMIGO

Provavelmente o primeiro militante revolucionário que chegou à região foi o comandante Osvaldinho Orlando Costa, o legendário Osvaldinho. Era uma figura extraordinária, com nada menos de 1,98 metro de altura e 120 quilos de massa muscular. Calçava sapatos especiais, mas nas lojas não se encontrava o número de seus pés. E apesar do tamanho era muito ágil, graças ao tempo em que jogara basquete pelo Botafogo do Rio de Janeiro. Além disso, segundo todos que o conheceram, era uma simpática. Seus dentes brancos, perfeitos, estavam sempre à aparecer no riso amigo. Conhecido por todos como “Negão”, tinha qualidades morais e revolucionárias dignas do melhor militante.

Outro dos primeiros a chegar foi João Carlos Haas Sobrinho, o Juca, igualmente uma figura notável. Médico muito capaz, possuía também um grande espírito de liderança. Primeiro instalou-se em Porto Nacional, Goiás, onde construiu, mobilizando escassos recursos, um hospital para atender a população local. Depois, seria o médico das populações pobres edesamparadas do Araguaia.

Entre 1966 e 1968, vão chegando outros dirigentes do PCdoB: Maurício Grabois, Ângelo Arroio, Gilberto Maria, Paulo Rodrigues, Elza Monnerat, João Amazonas. Depois, quadros intermediários como Bergson Guirão, Helena Resende, Daniel Callado. E finalmente militantes como Cristina Moroni, Luis Guilherme Lund, Antônio Teixeira e muitos outros, que iam se agitando na resistência guerrilheira.

DA FAVEIRA AOS CAIANOS

Três regiões foram definidas para a implementação do trabalho revolucionário: a Faveira, no médio Tocantins, municípios de São João do Araguaia e Marabá; a Gameleira, 60 ou 70 quilômetros acima de São Geraldo do Para; e Caianos, 60 ou 70 quilômetros abaixo de São Geraldo, no município de Conceição do Araguaia, assim como a Gameleira.

Apesar de haver a mesma orientação para as três áreas, o que se pode perceber hoje é que cada uma teve uma prática mais ou menos diferenciada, tanto no plano político como no militar. Para se entender a Guerrilha do Araguaia, é preciso conhecer não só sua base teórica e ideológica, mas também o trabalho desenvolvido em cada uma dessas regiões.

(Próximo artigo: o trabalho nos Caianos)

TERRORISMO

Fascistas continuam à solta

Mais de cem dias depois do assassinato de dona Lyda Monteiro, na Ordem dos Advogados do Brasil-RJ, o andamento das investigações oficiais sobre o terror confirma as denúncias dos democratas. Em São Paulo, dois repórteres corajosos e dispostos a levantar a verdade, João de Barros e Bruno da Silva, descobriram sozinho mais do que todo o aparelho policial. Mas os nomes descobertos por eles, que participaram da trama do terror, mal foram incomodados. André Luis Moraes Rizzo e Mario Fontes terminaram sendo mais bem tratados do que os próprios repórteres, que foram convocados a “esclarecer” no DEOPS os resultados de suas investigações. Algum tempo depois, um grupo de elementos de ultra-direita descobriu e deturpou por puro acaso, na Paraíba, confusos vários atentados, entre risos, como quem está seguro da impunidade.

Até agora a única satisfação que a Polícia Federal deu à opinião pública foi o anúncio da prisão de Ronald Waters, tido como autor dos atentados no Rio de Janeiro, no fatídico dia 27 de agosto. Ao que tudo indica, trata-se de um bode expiatório. Há evidências prítantes de que o governo sabe, desde o início, quem são os “peixes grandes” que manejam os cordões do terror fascista. Tanto assim que, quando o general Figueiredo julgou conveniente para seus planos de tática política, bastou uma conversa em privado com o general Milton Tavares, algumas outras articulações nos bastidores do regime, e os atentados foram suspensos. Os fatos apontam no sentido de um certo acordo entre os comandantes do terror e o governo: uma trégua no envio de bombas e no incêndio de bancas de jornais, em troca da impunidade dos criminosos e, sobretudo, dos seus mandantes.

Comprova-se assim que somente as forças do povo e da democracia e já não do regime militar, farão cair sobre os responsáveis pelo terror fascista a punição que eles merecem.

Debandada no PDS isola Figueiredo

Começou a debandada de políticos do governo para a oposição. É mais um atestado do fracasso da estratégia de Figueiredo, que queria dividir a oposição e terminou rachando o PDS. E é também um sinal da crise política que vai se armando e deixando o regime dos generais sem condições de governar. Um assunto que envolve as brigas entre grupos das classes dominantes, mas interessa de perto aos trabalhadores, ao povo, a todas as forças interessadas em pôr abaixo o regime.

O número de políticos que abandonam a canoa furada do governo Figueiredo está aumentando a cada dia de um mês para cá. No Mato Grosso do Sul, a nomeação do super-corrupto governador Pedro Pedrossian rachou ao meio o PDS, que perdeu dois senadores. No Pará, onde continua a briga entre o governador Alacid Nunes e o senador Jarbas Passarinho, 11 deputados estaduais já pularam fora do partido do governo; a moda ameaça pegar em mais 60 prefeitos e 400 vereadores. No Rio Grande do Sul, o grupo do ex-governador Sinal Guazul mudou-se para o PP. Em Goiás, o ex-governador Irapuã Costa Junior, conhecido de fato e de direito, também tratou de deixar o PDS.

MELHOR DO OUTRO LADO

Enquanto isso, em Brasília, o ministro da Educação, Eduardo Portella, foi posto para fora um dia depois de confessar na televisão: “Quando estiver do outro lado do rio, estou muito mais confortavelmente”. No seu lugar entrou o general Ludwig, homem do Conselho de Segurança Nacional, encarregado de enfrentar a greve dos professores.

E o deputado Djalma Marinho, mesmo sendo do PDS, resolveu desafiar o governo. Lançou-se candidato independente à presidência da Câmara Federal, com apoio da oposição e dos dissidentes arenistas, para enfrentar o preferido de Figueiredo, Nelson Marchezan.

ESTRATÉGIA DEU ERRADO

Há muitos outros exemplos dessa debandada nas fileiras do governo. Há dois anos, este contava com 228 deputados federais e 41 senadores. Agora, está quase ficando na condição de minoria no Congresso com menos de 211 deputados e 34 senadores.

Colibri, o estrategista de Figueiredo, deve andar perdendo o sono. Ele arquitetou cuidadosamente uma manobra, chamada abertura, para dividir a oposição e ampliar a base política do regime militar. Mas na prática é o regime que está perdendo apoio, e rapidamente.

A causa imediata de quase todas essas dissidências são brigas entre grupos, no nível local, para ver quem fica com a fatia mais gordosa dos cargos e mordomias no Estado. E isso não é novidade. Porém a debandada do governo para a oposição é um fato relativamente novo.

CONVENÇÃO NACIONAL DO PMDB

Oposição prá valer

A convenção nacional do PMDB, realizada em Brasília nos dias 6 e 7, foi marcada pelas posições contra incorporações ou alianças que aproximem o partido de setores comprometidos com o regime e que agora buscam no PMDB sua sobrevivência política. Isto ficou claro na maioria das moções aprovadas e se refletiu na composição do Diretório Nacional e da própria executiva. Abriu-se espaço na direção nacional para políticos mais combativos que se opõem a conciliações, como Ivo Cavalcilha, Miguel Arraes, Alenair Furtado e Chico Pinto.

Na mesma linha, foram aprovadas as resoluções que preconizam a participação nas eleições de 1982 sem que isso signifique prejuízo das tarefas maiores enunciadas no programa do partido, destacando-se a luta pela convocação de uma Constituinte livre e soberana que apontará o fim do regime militar. O ex-governador Miguel Arraes alertou para a manobra do regime que promete eleições para os governos estaduais com a evidente intenção de desagregar o PMDB em pequenos partidos estaduais, preocupados em absicitar parcelas do poder.

Contra a perspectiva eleitoral que vai apontar a conta de setores do partido, ganhou força na convenção a proposta de sua popularização. Estuda-se o uso mais eficiente dos canais institucionais — movimentos trabalhista, jovem e feminino que, dirigidos de forma de-

merecedor da atenção dos trabalhadores e dos democratas em geral.

A CRISE COMPLICOU

Todas essas oligarquias locais acomodavam-se no partido governista para defender seus interesses de classe, de grupo e pessoais. Acostumaram-se a viver dos favores do governo, do arrocho dos salários, do roubo de terras, de negociações e mordomias sem conta.

Porém com a crise econômica a situação complicou-se. Não que se roube menos.

Mas agora as multinacionais da indústria e das finanças estão exigindo uma fatia muito maior para si. O país trabalha para pagar a dívida externa e para locar projetos de interesse apenas do capital estrangeiro. O que sobra não basta para saciar os diferentes grupos que se habituarão a sugar as gordas tetas do aparelho de Estado. O resultado são as cisões que se multiplicam.

SAVE-SE QUEM PUDE

Mas a exploração mais importante está no plano político. O esquema da “abertura” está furado. Agravada o impasse entre o desejo de democracia da maioria da nação e o monopólio do poder por uma meia dúzia de militares e paisanos que mandam e desmandam no país. Mesmo dentro das classes dominantes, muita gente anda insatisfeita com este estado de coisas, mas ainda porque ele pode explodir.

Entra aí outro dado decisivo — o imenso descontentamento popular no Brasil atual. Muitos políticos andam fazendo suas contas e chegam à conclusão que apoiar o governo quer dizer derrota eleitoral na certa. Ainda este mês, o deputado Geraldo Menezes, do PDS paulista, comentava que “é preciso ser muito corajoso para ser candidato pelo partido



do governo nas próximas eleições”. Na medida em que se constata que a canoa está furada mesmo, aumenta o número dos que aderem a palavra de ordem do “salve-se quem puder”.

ONDE ENTRA O POVO

Muita gente pode perguntar o que os trabalhadores e o povo tem a ver com isso. Afinal, os políticos que se agastam do governo hoje são homens das classes dominantes. Passaram para a oposição, mas uma oposição conservadora, moderada, pouco nada para a sociedade.

É verdade. Mas também é certo que o isolamento progressivo do regime militar vai reduzindo sua margem de manobra. E favorece as forças do povo, interessadas em demorar por inteiro a ditadura, conquistar a liberdade e uma Assembleia Constituinte soberana, para avançar na luta contra a exploração estrangeira, pela reforma agrária e a justiça social. Para haver uma viragem dessas, não basta que o povo cresça em organização e consciência. É preciso também que a divisão, a confusão e a paralisia tomem conta do campo inimigo, que os generais já não tenham como governar. As descrições de políticos do governo para a oposição apontam neste sentido.

(Bernardo Joffily)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Lula contra o PC

No dia em que o Tribunal Superior Eleitoral deu registro legal ao PT, Luis Inácio da Silva, o Lula, afirmou: “O partido das classes trabalhadoras não foi criado em 1922 (ano da fundação do Partido Comunista), foi criado agora, dia 1º de dezembro de 1980”. E mais, disse que em 1922, foi fundado um partido para o trabalhador, enquanto agora surgiu um que é do trabalhador.

EM DEFESA DA VERDADE

Não é a primeira vez que Lula busca a polémica com os comunistas. No congresso do PT, em sua visita à Nicarágua e várias outras ocasiões, ele bate sempre nesta tecla. Naturalmente, Lula tem o direito de discordar do comunismo. Mas a sua declaração não corresponde à verdade dos fatos.

O Partido Comunista do Brasil sempre pertenceu, desde o início, à classe operária, a classe dos trabalhadores que nada possuem no capitalismo, a mais revolucionária da sociedade.

Os que fundaram o PC em 1922 eram operários, na proporção de 7 para 2, gente saída de uma forte onda de greves e inspirada no exemplo da revolução socialista russa. Desde então, a história desse partido confunde-se com a da classe operária e sua luta. É o que mostra, por exemplo, a profissão de alguns dos membros do seu Comitê Central assassinados pela ditadura nos anos 70. Carlos Danielli, metalúrgico de Niterói; Eris Guilhabeti, operário da construção naval do Rio; José Bronca, metalúrgico gaúcho; Ângelo Arroio, metalúrgico de São Paulo, entre outros.

Como dizer que esse partido não pertence aos trabalhadores?

TEORIA É INDISPENSÁVEL

Lula considera o Partido Comunista algo afastado dos trabalhadores porque este guia-se pelo marxismo-leninismo, uma teoria que não nasce na cabeça dos operários. Está dirigi-

PT SEM MARCA DE CLASSE

Outras pessoas, pelo mesmo fim perfeitamente consciente disso. É o caso por exemplo dos senhores ministros do TSE, que resolveram por unanimidade conceder o registro do PT, aplicando a famosa lei dos partidos, elaborada por Figueiredo e aprovada no fim do ano passado, contra os votos da oposição.

O relator do processo, ministro Cunha Peixoto, explicou na ocasião que o registro veio porque não se trata de um partido de classe. Se fosse “dos operários” disse ele não seria permitido. Mas sendo “dos trabalhadores” pode, porque é uma expressão muito ampla, que inclui até patrões.

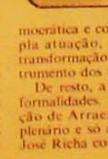
Muitos trabalhadores, porém, perguntam: por que é lei proibida a atuação legal de partidos de classe? A proibição vem de 1947. Foi feita especialmente contra o Partido Comunista do Brasil, o partido da classe operária e da revolução proletária. E este partido prosperou, perseguido, excomungado pelos donos do poder, continua existindo e crescendo, porque criou raízes na classe que lhe deu a vida. Doa a quem doer.

Fora com o fascista!

A mais importante manifestação durante a convenção nacional do PMDB foi o repúdio à filiação de ex-interventor em Goiás, Irapuan Costa Jr. As faixas, cartazes e manifestos que foram distribuídos pela delegação da base mais combativa do PMDB em Goiás simbolizaram o apoio da ampla maioria. E Irapuan se transformou em símbolo de um grave risco que o partido corre.

A filiação de Irapuan foi fruto de manobra pelos setores de direita do partido. O ex-presidente de Goiás, Irapuan Costa Jr., foi eleito governador em 1978, após uma campanha de campanha de campanha de campanha. Ele foi eleito governador em 1978, após uma campanha de campanha de campanha. Ele foi eleito governador em 1978, após uma campanha de campanha de campanha.

Após os mais combativos do PMDB de Goiás prometerem continuar na luta até a expulsão deste reconhecido fascista. Afinal, diz um premechista autêntico, grata como Irapuan, que pelo seu passado demonstra que não merece confiança pessoal e muito menos política daqueles que defendem os interesses populares, não faz falta o PMDB.



Irapuan: o alvo é o povo

Insatisfeito com a composição da executiva a, ele ameaçou abandonar o partido pela manhã. Reunião a tarde e só foi nota informando que seria apenas do diretório. A noite, consolidou por Franco Monteiro e outros senadores, voltou atrás mais uma vez, ficou no PMDB e no diretório nacional.

SOBRE AS ELEIÇÕES SINDICAIS

Sindicato é do peão

As recentes eleições mostram inúmeros obstáculos: desde os provenientes das manobras dos capitalistas até os erros na atuação sindical

As últimas eleições em vários sindicatos do país demonstram como a luta contra o imobilismo e plebeusmo sindical é dura. Está provado que para os trabalhadores recuperarem seus sindicatos, tornando-os verdadeiros instrumentos da luta de classe, muitos obstáculos terão que ser superados.

preservar seu reinado, os oportunistas só levam as urnas a seus "currículos eleitorais". Em Conceição do Araguaia, o interventor do sindicato dos trabalhadores rurais não levou as urnas a vários povoados onde a chapa 2 tinha base. Só que os camponeses não dormiram no ponto e foram atrás das urnas.

mente caem no truque: confundem diretoria pelegas com o sindicato da categoria, deixando, de uma forma ou de outra, de atuar nele.

Em este momento que surgem as propostas "comodas" de abandonar os sindicatos, formar outros etc. A pretexto de que é impossível atuar nos sindicatos posições erradas partem para atividades paralelas. Ao invés de fortalecerem o sindicato único da categoria, dividem, ficam em inúmeras reuniões em fundo de quintal. E mais: só se preocupam com a sindicalização nas vésperas das eleições. Tem uma prática estreita de ofensa ao pelego. No fundo os defensores destas ideias aventureiras são tão perigosos quanto o pelego.

ATUAR DENTRO DO SINDICATO

A experiência do movimento sindical brasileiro demonstra que a classe operária não aceita a divisão. Ela luta incansavelmente pela unidade: tanto no interior da fábrica, como no sindicato e entre as categorias. Fortalecer a entidade, trabalhar nos seus departamentos, participar e desenvolver atividades culturais, esportivas, enfim, sindicais, e associar milhares de companheiros é unir a categoria e consequentemente enfraquecer o plebeusmo. Em conjunto, o trabalho de organização no interior das fábricas — com a formação de representativas comissões de fábricas — e a atuação dentro dos sindicatos, a queda do plebeusmo é mais fácil.

Como raciocina Cid, diretor do sindicato dos engenheiros paulistas: "Lógico que os inimigos para a retomada dos sindicatos são muitos. Nem poderia ser o contrário. Afinal este é o mais importante instrumento de defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores, apesar das limitações. Por isto não podemos desistir de atuar dentro deles, porque há uma regra básica: sem trabalho sindical é muito mais difícil a derrubada do pelego".

(Altamiro Borges)



Vista parcial da poderosa multinacional alemã, a Voith, em São Paulo

NA PORTA DA VOITH - SP

Morte do operário dá alerta

A morte de José Aparecido marcou profundamente a vida dos três mil e seiscentos operários da poderosa indústria mecânica Voith, de capital alemão, localizada na zona Oeste de São Paulo. O Dr. Cleber tratou José como tratava todos, como se operário não fosse gente de-deu-lhe uma aspirina e ele morreu em seguida, de apendicite aguda.

Muitas arbitrariedades são cometidas nas empresas brasileiras. O ambiente na maioria das fábricas é de superexploração e a Voith, uma das maiores potências econômicas da indústria, tem um regime de verdadeira prisão.

Parecia que a morte de um operário não iria alterar a grande engrenagem que a vida da Voith. Os patrões esperavam que a coisa ficasse entre quatro paredes. Nada disso: a revolta se espalhou entre os trabalhadores.

POR BAIXO DO PANO

Desafiando toda a repressão patronal, os trabalhadores se organizaram e, mesmo contra os regulamentos fascistas, conseguiram passar um abaixo-assinado com mais de quinhentas assinaturas. Exigiam o afastamento do tal "doutor" e melhor atendimento médico.

Os patrões e os chefes pusa-sacos ficaram desesperados quando souberam da luta e tentaram descobrir quem estava organizando o movimento. Mal sabiam eles que a classe operária luta seus líderes nas próprias lutas e a solidariedade operária é uma poderosa força.

O abaixo assinado foi parar no Sindicato e também em várias entidades, o CCO de Piratuba, o PMDB, o PT e o CRM. A solidariedade foi grande. O Sindicato e as entidades fizeram panfletagens na porta da fábrica, houve prisões e arbitrariedades da segurança da fábrica. Mas numa grande parede bem em frente da Voith uma placa deixava claro o estado de espírito dos operários: "A Voith também é responsável".

OS PATRÕES FAZEM POLÍTICA

Mesmo se utilizando de seu aparato repressivo e da presença da polícia, os chefes da Voith perderam noites de sono, afinal, não conseguiram evitar o protesto e foram obrigados a tomar algumas medidas para esfriar os ânimos. Demitiram imediatamente o famigerado Dr. Cleber e deram uma garibuda geral no departamento médico. E pagaram uma indenização à família de José, muito menos do que deviam.

acompanhada das mais variadas pressões sobre os familiares. O susto dos patrões foi tão grande que pelo menos durante algum tempo o tratamento aos trabalhadores vai ser melhor.

NA PORTA DA FÁBRICA

Um operário da fundição, que é um dos piores lugares da Voith que não recebe adicional de insalubridade disse a TO: "Todo mundo ficou revoltado. Ficou muito sentido com a morte do colega. Já tinha tim monte de gente com raiva deste tal de Dr. Cleber. Teve um colega que levou quatro pontos e teve que trabalhar na hora". E um colega seu foi mais longe: "Eu acho que o verdadeiro culpado é a Voith. Se o médico trata mal, é porque a firma manda".

Mas não é só o Dr. Cleber que estava preocupando os metalúrgicos da Voith. Outra grande safadeza é feita pela SADE no tratamento odontológico. Um ferramenteiro denuncia: "Se a gente quer fazer um tratamento nos dentes e procura o dentista da firma, só vai conseguir consulta muitos meses depois, e tem de ficar na fila. Agora, é só soltar uma grama que o atendimento é rápido. Se quiser ser rápido tem que pagar".

ESTRUTURA CRIA PELEGOS

Para continuar reinando, servindo aos patrões e ao governo, os sindicalistas acomodados, burocratizados e principalmente os pelegos (traidores descaídos, dedo-duros e políacos) têm toda uma máquina de sustentação.

A começar pela estrutura sindical que cria o plebeusmo com a fortuna do imposto tirado obrigatoriamente dos trabalhadores, que burocratiza os sindicatos e muda seu caráter, tornando-os órgãos assistencialistas ao invés de um instrumento de luta pelos interesses dos assalariados, e que domestica, principalmente os dirigentes mais servís, ao Ministério do Trabalho, a quem o sindicato tem que prestar contas de tudo o que faz.

UMA PORTARIA SUJA

Além desta estrutura, os oportunistas ainda contam com a portaria 3437 sobre as eleições feita especialmente para impedir a vitória de chapas combativas de trabalhadores. Através desta portaria e o governo quem escolhe a mesa eleitoral e os apuradores.

O regime ainda dá inúmeros privilégios às diretorias pelegas que, entre outras coisas, publicam o edital de inscrição de chapa quando e onde querem. Recentemente, o carceirista João Lins, do sindicato dos metalúrgicos de São Caetano (SP), publicou o edital no meio dos classificados do jornal paulista Diário Popular. Lógico que a chapa de oposição não se inscreveu a tempo. E também direito da diretoria indicar os locais onde devem ser levadas as urnas volantes. É claro que, para

O MEDO DOS PATRÕES

Os patrões também temem a mão diretamente no processo eleitoral, na defesa do plebeusmo sindical, ao verem o movimento operário crescer. Não são trouxas: preferem gastar um pouco agora, mas evitar que o sindicato retorne às mãos dos trabalhadores e lhes traga problemas futuros, greves e principalmente o despertar da consciência de classe e o desejo de não apenas diminuir a exploração mas acabar definitivamente com ela.

Em Vitória da Conquista, nas eleições do sindicato dos trabalhadores rurais, os grandes latifundiários investiram em 1978 mais de 300 mil cruzeiros na chapa dos pelegos.

E agora, nas próximas eleições, em abril, prometem investir muito mais. Feliciano, da chapa 2 do sindicato do papel e papélio de São Paulo, recentemente denunciou que firma, como a Fabricadora, do poderoso grupo Klabin, colaboraram com dinheiro e até fizeram campanha eleitoral no interior da fábrica para a chapa do pelego Israel, levando operários para votar num gesto típico do voto de cabresto.

AVENTURA PERIGOSA

Mas na avaliação destas recentes eleições outro ponto, sem dúvida, pesa bastante: o de como os trabalhadores estão atuando para renovar seus sindicatos. O que se nota é que toda esta máquina bem montada e lubrificada de servilismo, trações e gangsterismo tem cumprido em parte, seu objetivo: o de expulsar o assalariado de sua entidade de classe. Muitos sindicalistas ingenua-

DIREÇÃO DA APEOESP - SP

Entidade corre risco

Para prejuízo dos mais de 200 mil professores do Estado de São Paulo, permanece na direção da sua entidade de classe, a Apeoesp (Associação dos Professores do Ensino Oficial) a mesma diretoria que a vinha destruindo. Esta foi a decisão da maioria dos presentes à assembleia do dia 7, que invalidou os resultados do recente congresso de Campinas. Neste, após toda diretoria ter pedido renúncia, aceita pelo plenário, escolheu-se uma provisória até maio próximo, quando haverá eleições normais.

PLRISMO SINDICAL

A luta para cortar os males da Apeoesp não vem de há muito. Só se agravou agora devido à quase falência da entidade, que tem acumulada uma dívida de 5 milhões e negocia, água e luz corrente e pagável.

Para os professores que pediram a renúncia da diretoria, encabeçada por Eiko, a crise que vive a Apeoesp não é só financeira, mas é principalmente política, da forma como a entidade vem sendo dirigida. Afirmam eles: "o grupo se encaustou na dire-



Nas faixas, a crítica à inoperante diretoria

ção", "só se preocupa em fazer atos públicos", acha que o sindicato não precisa da massa de trabalhadores.

Basta que seja da "vanguarda", "acha que pagar promissórias nos bancos é burocracia".

LIMPAR O SINDICATO

Apesar de todas estas posições políticas antissindicalistas a assembleia preferiu manter a mesma diretoria, negando o congresso. Frente a esta decisão de diretores mais consequentes pediram sua destituição definitiva. O que não significa o abandono da Apeoesp, como citaram os ativistas. Continua a luta para fazer a categoria voltar à entidade para salvá-la da falência, e para nas próximas eleições limpar a destes pelegos com fachada de progressistas.



A nova diretoria do sindicato dos metalúrgicos de Fortaleza.

Renovação no sindicato

Os metalúrgicos de Fortaleza, Ceará, fizeram uma grande festa na noite do dia primeiro. Começaram a vitória da Chapa 1, formada pelos mais combativos e representativos trabalhadores da região, sobre a Chapa 2, dos pelegos, e a Chapa 3, de um grupo de divisionistas. Durante toda a noite, com a participação de ativistas de outras categorias democráticas, houve discursos emocionados e muita diversão. Para os trabalhadores do Ceará e para o sindicalismo brasileiro — não só para os metalúrgicos — é de grande importância a retomada de um sindicato pelos trabalhadores.

Este foi o segundo escrutínio. No primeiro todos os trabalhadores levaram um grande susto: os pelegos foram os ganhadores.

Agora, com muito esforço, a Chapa 1 ganhou: 255 votos contra 219 dos imobilistas e apenas 19 votos para a Chapa 3.

POUCOS SINDICALIZADOS

O principal fator do primeiro susto, segundo os membros da nova diretoria, foi a pequena sindicalização da categoria, que tem cerca de 10 mil operários. Disto uma lição importante: a sindicalização em massa da categoria é uma das formas mais seguras de isolar os pelegos e fortalecer o sindicato.

A falta de associação permanente deu margem para que os pelegos manobrassem junto aos antigos sócios, contando com a máquina assistencial, dentista, médico etc.

(Da Sucursal)

CONSTRUÇÃO CIVIL - ES

A greve que nexeu com Vitória

Entre os dias 24 de novembro e primeiro de dezembro Vitória do Espírito Santo viveu dias de grande movimentação. Os peões da construção civil resolveram dar um basta no salário de fome e nas humilhantes condições de trabalho. Cerca de 30 mil operários, cinquenta por cento da categoria, paralisaram as atividades, fizeram passeata pelas ruas da capital capixaba e realizaram uma das maiores assembleias de trabalhadores no Estado com 4 mil peões.

Também houve, como não podia deixar de ser, violenta ação da polícia, tropas de choque nas ruas e muitas prisões. Apesar desta bata-

lha os jornais e a TV se omitiram e não noticiaram a paralisação.

MUITAS VACILAÇÕES

A greve se espalhou como um rastilho de pólvora. Começou na manhã do dia 24, com os operários da Encol, e no final do dia mais de 8 mil estavam em greve, paralisando 17 obras. Com a passadeira de mais de mil e quinhentos pelas ruas centrais, na terça-feira, a greve atingiu operários de outras construtoras.

Depois de seu início espontâneo, a nova diretoria do sindicato dos trabalhadores na construção civil, formada de uma chapa de oposição, assumiu a paralisação. Mas mante-

ve uma postura vacilante, alertando constantemente para a possibilidade de intervenção, sem fazer propostas concretas de prosseguimento da luta. Este temor diante da intervenção, causou estranheza entre os operários. Alguns deles comentavam:

"A gente patra, spanha da polícia, encosta os patrões na parede e depois os diretores do sindicato pedem para a gente voltar a trabalhar, sem a gente ter ganhado nada. Parece que eles estão com medo de perder o emprego".

ASSEMBLEIA DIA 15

O fim da greve foi votado no dia pró-

meiro, com a assembleia dividida. Todos os diretores do sindicato, a começar pelo secretário, Waldemar Lyrio, defenderam a volta ao trabalho, o que provocou muitas vaias. Corre agora o boato de que os patrões querem a decretação da ilegalidade de greve, o não pagamento dos dias parados. E mais: está ocorrendo denúncias em massa nas construtoras.

Como resposta os peões da construção civil prometem realizar uma grande assembleia no próximo dia 15. Caso os patrões soltem atrás em parar de novo para acabar com a usadia. (Da sucursal)



Governo corrupto

Os funcionários do INPS, INAM, PS e JAPAS, instituições ligadas à área de saúde, não aceitam mais as arbitrariedades governamentais. No último dia 26 cerca de dois mil servidores realizaram assembleia, na sede do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo, onde decidiram dar continuidade ao movimento nacional da categoria que exige reajuste semestral, pagamento do 13º ao funcionalismo público etc.

A próxima grande assembleia será dia 19, onde os trabalhadores devem tomar conhecimento da resposta do governo frente às exigências. Mas já há um movimento de que a resposta seja negativa. Afinal, para excluir os servidores públicos do aumento semestral o governo utilizou-se do discurso demagógico de redução dos gastos públicos. Agora surge a denúncia de que exatamente o homem forte da área de saúde, o ministro Jair Soares, está atolado em privilégios. Com recursos públicos faz semanalmente viagens de jatinho à sua terra, Rio Grande do Sul, para visitar familiares, ir ao dentista etc. Só nesta brasileira são 250 mil em cada passeio.

3.500 em greve

Servidores, MG - Todos os 3.500 servidores técnicos-administrativos da Universidade Federal de Minas paralisaram suas atividades no último dia 3. As exigências: 48% retroativo a março, reajuste semestral, mudança da legislação do funcionalismo público, permitindo desta maneira que possam criar o seu sindicato. Um dos motivos que levou os servidores à luta é que eles acham que não devem ficar separados dos professores universitários há quase um mês em greve.

Com esta greve a categoria, que é bastante explorada (cerca de metade ganha menos de dois salários mínimos), deu seus primeiros passos na luta por seus direitos e na sua organização para futuras batalhas. (Da Sucursal)



Lavradores fundam sindicato

Novo sindicato rural

Bocaina, MG - Boias-frias, assalariados, mestres, agregados, posseiros e pequenos proprietários de Bocaina, após alguns meses de discussão, contra todas as ameaças dos fazendeiros, fundaram seu sindicato, no dia 16 de novembro. Muitos vieram ao ato de aniversário, a cavalo e alguns a pé, percorrendo até 100 km (6 horas de viagem). Foram mais de mil lavradores que deram à cidade um clima de festa, numa localidade em que há muito só havia o poder do latifundiário.

Também estiveram presentes à fundação o sindicato dos motoristas de Montes Claros e os sindicatos dos trabalhadores rurais de Januária, Januária, Burtizoro, além do representante da FEATAMG em Montes Claros.

(Da Sucursal)

Posse com promessas

Arquitetos, SP - Tomou posse no dia primeiro a nova diretoria do sindicato dos arquitetos de São Paulo, categoria que congrega cerca de 7 mil pessoas, entre assalariados e profissionais liberais. A diretoria, fruto de chapa única, terá duas tarefas pela frente: contra a alta taxa de desemprego, pelo respeito do piso salarial de 6 mínimos etc. A nova diretoria, além de encaminhar a luta contra os problemas específicos (já no dia 8 ocorrerá uma assembleia), também se propõe a lutar pela constituinte, pela CUT e participará da Unidade Sindical.



Fala o Povo vem recebendo um número cada vez maior de cartas, vindas de todos os cantos do Brasil. Escreva curto e grosso, para que todos possam ler em um cantinho em nossa seção. Garantiremos assim que o povo de todos os Estados e todas as regiões possa fazer suas denúncias, falar de sua experiência. Só assim Fala o Povo estará sendo realmente um jornal de todos, uma tribuna para quem quer falar das injustiças e mostrar caminhos de luta.

(Olívia Rangel)



GRÁFICOS DA YPIRANGA-SP

Isto aqui tem que acabar

Aqui na Gráfica Ypiranga somos muito explorados. Se a gente chega com cinco minutos de atraso, não podemos entrar na gráfica, perdemos o dia de trabalho e ainda por cima descontam 17 horas e 30 minutos do salário (8 horas do dia que chegou atrasado, mais 8 horas do domingo e mais 1 hora e 30 minutos do sábado).
A exploração não fica só nisso. A gráfica tem convênio médico com a SE-MIC. Então, se a gente vai ao médico das 7 às 9 horas da manhã, e com o assessoramento do médico voltamos ao trabalho, a gráfica descontava essas duas

horas que o empregado esteve fora e mais 8 horas do domingo.

Uma outra denúncia que gostaríamos de fazer é a seguinte: aqui na fábrica, nos trabalhos em vários turnos, todos até de 8 horas seguidas, nós temos apenas 30 minutos para o almoço e lanche e mais nada. Essa situação precisa acabar. Todos nós vivemos uma situação de pobreza, os únicos que estão cada vez mais ricos são os patrões e o governo.

(Grupo de operários da Gráfica Ypiranga, São Paulo, SP)

OPERÁRIOS DA ISHIBRAS-RJ

Estaleiro demite em massa

Estive lendo num jornal carioca que em setembro a Sumamim havia conseguido encerrar no exterior alguns milhões de toneladas em navios para os estaleiros brasileiros, assegurando assim o não agravamento da crise nos estaleiros brasileiros. Crise esta que até no Japão já começa a surgir.

E o sr. Murilo Macedo ainda falou que estava solucionado o problema do desemprego na classe metalúrgica que estava para acontecer. Porém no mesmo artigo, por contradição, a matéria diz que havia

necessidade dos estaleiros conseguirem financiamento no exterior para tocarem para a frente a construção dos navios encomendados.

Relatei esta reportagem para fazer uma denúncia: a demissão em massa começou na construção naval. Somente no dia 21 de novembro foram demitidos 200 operários na Ishibras. São diários as demissões, com levadas de 30, 40 operários. No Caneco também já começaram as demissões e no Mauá, idem. E hora dos companheiros da classe apoiarem os demitidos, fazendo

grupos que lutem contra estas demissões e ampliar o movimento de reivindicações da classe. Companheiros, o fruto do nosso trabalho árduo, que faz o progresso e traz verbas para o Estado não pode ficar sendo propriedade de capitalistas atrelados ao imperialismo!

Não nos deixam participar do destino da nação. Mas nós vamos participar. Queremos ter participação na realização de nossa economia e na cultura!

(Um metalúrgico da Ishibras Rio de Janeiro, RJ)

ESTIVADORES DE MACEIÓ-AL

Pagamento não sai

Antônio Barbosa, do sindicato da estiva (de Maceió, AL), é um homem que não gosta de pagar a ninguém o décimo terceiro salário, férias, etc. Ele atrasa o pagamento disso de 3 a 4 anos. É assim o pagamento do abono família de 3 a 4 meses.

Os estivadores encontram-se na rua e se perguntam: 'Vocês vem do sindicato, está saindo pagamento?' Mas o pagamento não sai.

(Um "camisa branca" de Maceió, AL)

CAMPANHA ELEITORAL DOS METALÚRGICOS-RJ

Não desistiremos da luta

A campanha eleitoral para o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos do Rio de Janeiro foi um avanço das forças democráticas.

A vitória da chapa da situação não poderia ser diferente, botaram toda a máquina em movimento: frota de carro, gráfica e o cofre. O candidato que se aproximava mais era o Joaquim Arnaldo, da chapa 2.

O mesmo foi severamente combatido devido a seu comportamento arcaico por um autêntico. Mas o importante é que fomos às portas de fábricas e oficinas com muita leitura esclarecedora. Fizemos comícios dizendo tudo aquilo que os trabalhadores precisam saber. Ligamos bem alto o volume do microfone

Foi feita uma vasta propaganda em torno do fato dele ser patrão. Juntaram todas as pedras do passado para esgar o edifício da derrota, embora o Joaquim de hoje já admita o povo no poder, tenha feito diversas frentes em defesa do sindicalismo e tenha aceitado participar de uma chapa de jovens com a média de idade de 25 anos.

A categoria perdeu a oportunidade de mudar esse sindicalismo arcaico por um autêntico. Mas o importante é que fomos às portas de fábricas e oficinas com muita leitura esclarecedora. Fizemos comícios dizendo tudo aquilo que os trabalhadores precisam saber. Ligamos bem alto o volume do microfone

OPERÁRIOS DO METRÔ-RJ

República do medo

No cantoneiro de obras do metrô, em Botafogo, está sendo criada uma república do medo. O engenheiro Dulcineu de Barros Moreira Sobrinho, um fascista realçado, faz uma perseguição feroz contra os trabalhadores. E é ajudado nesta missão pelo mestre de obras Elias Venâncio Ribeiro.

Por qualquer coisa a gente sofre perseguição. Basta cair na antipatia de um destes prepotentes. Para se ter uma idéia, nestes últimos 90 dias já foram punidos 18 operários, sendo 15 demitidos sumariamente, com a alegação falsa de justa causa.

(F.S. - operários - Rio de Janeiro, RJ)

para falar da fome, da exploração patronal e das multinacionais, contra o imperialismo norte-americano e a ditadura, pela convocação de uma assembleia constituinte livre e soberana e pelo socialismo.

Atingimos com vasta propaganda das 4 chapas 7 municípios: Rio, Caxias, Nova Iguaçu, Nilópolis, Paracambi, Itaguaí e Inaê. Não ficou um só muro próximo às empresas que não fosse pintado. Não podemos calcular o peso de papel distribuído entre os trabalhadores e o povo. Isso não vai levar os perdedores a desistirem da luta sindical. Vai dar mais ânimo para enfrentar a turma do seriado "farsa do poder" (João de Deus, metalúrgico - Rio de Janeiro, RJ)

SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL-RJ

Um sindicato que seja mesmo nosso

Dia 28 de novembro último foi realizada mais uma assembleia do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Rio de Janeiro.

Para começar, o presidente, sr. Arnaldo, não fez a divulgação necessária para que os operários pudessem saber dessa assembleia. E mais: marcou para uma 6ª feira, às 18 hs., quando todo mundo sabe que, nesse horário, a grande maioria do pessoal está retida nas filas de pagamento nas obras. Resultado: apenas cerca de 70 pessoas tomaram decisões que dizem respeito a mais de 200 mil trabalhadores contratados na construção civil do Rio de Janeiro.

Mas isso não é novidade. Esse presidente faz do sindicato um objeto de uso pessoal, onde procura promover a si e a seus familiares e amigos. Não faz e nunca fez é mobilizar a classe, único jeito para os trabalhadores melhorarem sua situação.

Diante disso, as firmas de construção civil praticam diversos abusos, não pagam os direitos legais dos trabalhadores, fazem várias ameaças

e arbitrariedades. O sindicato tem que ser um instrumento de luta dos trabalhadores e o que o pelego sr. Arnaldo faz não melhora em nada a situação dos operários.

O espírito puxa-saco desse pelego chega a tanto que ele resolveu convidar o presidente Figueiredo para a inauguração da nova sede do sindicato, que foi construída com o dinheiro dos trabalhadores, que nem foram consultados sobre esse convite a um governo que é o responsável direto pela situação de fome, miséria e extremas dificuldades em que vive o povo brasileiro. É claro que se os trabalhadores fossem consultados nunca seria feito esse triste convite.

E nem a proposta salarial dessa diretoria é do conhecimento geral dos trabalhadores. Mas, como nas greves de Brasília, Minas Gerais e outras, os trabalhadores da construção civil do Rio de Janeiro lutarão para melhorar suas condições de vida e para transformar esse sindicato num sindicato verdadeiramente nosso. (Um trabalhador da construção civil - Rio de Janeiro, RJ)

BANCÁRIOS DE BRASÍLIA-DF

Bancários pronunciam-se contra arrocho salarial

No dia 20 de novembro próximo passado, a partir de 18 horas, o Sindicato dos Bancários de Brasília promoveu, em frente ao prédio da Agência Central e Direção Geral do Banco do Brasil uma manifestação de repúdio ao retrocesso que o governo pretende dar à lei que regulamenta os reajustes semestrais dos salários. Desta concentração saiu uma comissão formada por 15 bancários que se dirigiu ao Congresso Nacional para externar aos parlamentares a preocupação da categoria com a iminência de legalização, ainda que por decurso de prazo, dessa nova lei de arrocho salarial.

Pelas discussões em torno do assunto ficou claro entre os participantes que a reformulação tem um só objetivo: tirar uma substancial parcela do salário dos empregados mais antigos e destiná-la aos patrões, sem trazer nenhuma melhoria para o pessoal de salário mais baixo.

As promessas de "esperar o bolo crescer para dividi-lo" não passaram de deslavadas mentiras proferidas pelo mentor do "milagre brasileiro", o imoral Delfim Netto, e seu bando, travestidos de cordeiros, que agora mostram as garras sangüinárias de lobos vorazes que são.

É bom que os generais testas-de-



MORADORES DA PERIFERIA-RJ

Muitas reclamações

Nos moradores do loteamento Apolo I, situado no distrito de Alcântara, no município de São Gonçalo, RJ, sabemos que este jornal é a Tribuna dos que trabalham, pedimos que se publique no mesmo as nossas reclamações.

Sr. redator, nós pagamos os nossos impostos e demais taxas e não possuímos rede de esgoto, água, luz pública, meio-fio, asfalto, posto médico, escola pública, posto policial, etc. Este bairro tem seis ruas,

sendo que as que mais sofrem são as ruas A e B, pois quando chove, por falta de escoamento as águas e os esgotos se misturam, criando assim doenças e um mosquito horrível.

Existia um transformador da Companhia de Luz que estava constantemente queimado. De tanto reclamarmos, trocaram por um outro pior ainda, pois este quando a gente liga uma lâmpada, a outra apaga. Aqui ficam os sofredores (Moradores do loteamento Apolo I, São Gonçalo, RJ)

BURITI ALEGRE-GO

Chega de violência policial

O delegado de polícia de Buriti Alegre, sr. Jadir, juntamente com os soldados da PM, comandados pelo tenente carrasco Leopoldo, espancaram e prenderam no último dia 15º de novembro os indefesos jovens Durval F. Marques, Odorico C. Filho, Marizozan F. Guerra e Ernane G. Machado. Este último ficou muito ferido, tendo inclusive seu maxilar inferior fraturado e o corpo cheio de escoriações e hematomas por pancadas de cassetetes dos policiais.

Depois desta barbante chacinera, os pais das vítimas e de outras famílias foram pedir inocentemente apoio ao prefeito, sr. Benjamin Carneiro de Paiva. Este laconicamente respondeu que nada poderia fazer. O povo se esqueceu de que o sr. prefeito está a serviço da ditadura implantada no país há 16 anos. Este é um exemplo de homem que está à frente dos postos públicos para defender um sistema maligno e sangüinário e não para zelar pelos bens públicos, desenvolver o progresso e combater a violência institucionalizada por este país agora.

Depois de ver tanto horror e ameaça, a juventude não pode ficar numa esquina conversando e trocando idéias que os policiais chegam, prendem e espancam.

Tudo isso tem uma origem e um objetivo obscuros. A pancadaria policial foi para intimidar a juventude de Buriti, que procura manifestar de forma pacífica seu inconformismo com esta situação. A sociedade de Buriti Alegre pede a remoção do delegado e dos demais policiais. Os pais das famílias atingidas estão levando ao conhecimento de todos o massacre a que foram submetidos os seus membros e pedem apoio de todas as famílias brasileiras, para que construam daqui por diante uma sociedade mais justa, capaz de dar um basta a esta violência imposta pelos absolutistas desumanos.

(Uma das 3 mil operárias da Ellus, São Paulo, SP) (Um morador de Buriti-Alegre, GO)

OPERÁRIA DA ELLUS-SP

Não às fichas do PDS

Sou operária da Confecções Ellus Ltda., e quero alertar todos os operários meus companheiros para a sacanagem, melindrosa e descarada, que vem acontecendo em "nossa fábrica".

Encarregados das seções, a mando dos patrões e a serviço do regime, obrigam todos os operários a assinarem fichas em branco de campanha eleitoral. E para isso usam de todas as

artimanhas, desde o sorriso até a pressão e enganação. Só que essas fichas são para filiar-nos nesse maldito PDS, o partido do governo. Acho que todos nós temos que singar este P.P. e não assinar as fichas. Pois só unidos e conscientes venceremos. Sou a favor da greve geral.

(Uma das 3 mil operárias da Ellus, São Paulo, SP)

GRUPO ARTÍSTICO DE MACEIÓ-AL

Grupo Terra canta o povo



O grupo Terra existe há cinco anos, tendo como proposta cantar o dia a dia do povo. Colocando a realidade do Nordeste, suas lutas, suas esperanças e suas desesperanças como tema central, o Grupo Terra neste seu primeiro LP canta a América, o Nordeste, mantendo a mesma proposta inicial: popular sem estrofeio e sem folclore. Ao lado, a letra de uma de nossas músicas: *Orada Sertaneja*, de autoria de Marcondes Costa, Francisco Elindio, Eliezer Setton e Paulo Renault.

Panela no fogo os pratos na mesa menino no colo começa a chorar.
O abano e segure que o fogo já brando de lenha acabando já vai apagar.
O dia findando foi feito e agora a taipa esquentando a mesa senhora.
Mentiro amarelo barriga crescida também faz do barro a sua comida.
Segue este pranto não quebre a goiada não carece espanto

(Grupo Terra - Maceió, AL)

Jagunçada leva chumbo

Queriam expulsar posseiros

A notícia se espalhou pelo Brasil em novembro: havia acontecido um grave conflito de terras no Sul do Pará, com muitas mortes e feridos. E mais: um verdadeiro exército de pistoleiros se preparava para chacinhar os 283 moradores da Gleba Marabá, a 30 quilômetros do povoado de Xinguara.

Nosso correspondente nos conta: Chegamos em Xinguara dia 28, sexta-feira. Através da CPT, entramos em contato com alguns lavradores. Ainda havia pânico. Um posseiro, Natalino de Oliveira, deu o recado: "Seu Otacilio mandou avisar que os pistoleiros entrarão na área novamente. Já deixaram uma turma e foram apanhar outra".

CLIMA DE GUERRA

Entrar na Gleba Marabá nessas circunstâncias era duplamente perigoso. O clima é de guerra. Poderíamos ser alvo dos pistoleiros, ou mesmo dos lavradores, se não fossemos reconhecidos a tempo. Apesar disso

pegamos uma C-10, colocamos nela uma bandeira branca, improvisada com uma camiseta, e de manômetro, partimos para a área conflituosa.

A noite chegou, e com ela o maior perigo. As 20 horas a estrada acabou. Descemos da C-10 e avançamos a pé, até o rancho do "Capuxaba", um dos posseiros. Tudo vazio.

Pernoitamos ali, e no outro dia, cedinho, fomos em busca da posseira. Lá para as 10 horas, começaram a chegar grupos e mais grupos de homens, todos com suas armas. Ao meio dia, já eram talvez mais de cem homens reunidos, e até crianças de 12, 13 anos, também portando cartuchos e dispostas a tudo.

Esclrecemos que a entrada de pistoleiros na área era boato: "Se eles entram, logo ficamos sabendo". E durante três horas ouvimos a história dessas 283 pessoas, homens, mulheres e crianças, que estão vivendo na mata para poderem se proteger de um ataque dos pistoleiros, considerado iminente.

(I) O FEITIÇO VIROU CONTRA O FEITICEIRO

Como foi a tocaia

Na Gleba Marabá, o dia 5 de novembro, quarta-feira, amanheceu coberto de nuvens negras. O inverno vinha chegando, apareciam as primeiras bonéas nos milharais, o arroz crescia verdejante.

"OS BRABOS VÃO MORRER!"

Cedinho, bateram na porta de Jorge, posseiro há anos. Era o Baiano, bate-pau de Rui Jacinto, um fazendeiro que há tempos quer girar a área. "Olha — disse ele — vim te avisar que chegaram sete pistoleiros, todos armados, com armas finas e boas, com os bolsos cheios de bala. Mandaram dizer que os bons, que correrem, só vão apanhar. Os brabos vão morrer tudo! Já tão derrubando os barracos".

Era a persiga final que Rui Jacinto

já vinha prometendo. Os "paranaenses", na verdade nove pistoleiros profissionais, estavam chefiados por uma verdadeira milícia de jagunços em toda a região, para desapropriar posseiros. E fora empreitada para "limpar" a Gleba Marabá.

Jorge correu a avisar os posseiros. À noite, dezenas deles se encontram. O momento tinha chegado: era correr ou lutar, mesmo que a luta fosse de morte. Mas a decisão também já fora tomada: todos chegaram com suas armas de caça, cartucheiros 12, 20 e 36, e os bolsos cheios de munição.

Sexta-feira, pela manhã, os pistoleiros derrubaram cinco barracos e pernoitaram na Gleba, no rancho de um lavrador que foi expulso, enquanto fora desaba um forte temporal. Sábado, dia 8, o céu amanheceu limpo. Três dos pistoleiros saíram do barraco, as cintas rodadas de balas, carabinas nas costas, revólveres 38 na mão. Entram na mata, e vão rastejando

BATALHA DENTRO DA MATA

De repente, uma intensa fuzilaria. Os posseiros haviam passado a noite e a chuva emboscados, uma turma na mata, outra na forquilha da estrada, à saída da Gleba. Os disparos ensurdecem a seiva. Os três pistoleiros, Ozi, Gabriel e Jesus, morriem imediatamente.

Os quatro pistoleiros que estão no rancho, Euripedes, Ari, Joaquim e Toninho, ouvem a fuzilaria, entram no seu jeep e disparam pela estrada, para buscar reforço. Mas na forquilha os lavradores esperam. Ao ver a matagato, Euripedes, num salto cinematográfico, pula para o chão, vomitando fogo em seu 38, mas recebe várias descargas e morre na hora. Ari e Joaquim são feridos e só Toninho, o motorista, consegue passar ileso pela forquilha. A batalha terminou: quatro posseiros mortos, dois feridos, nenhuma bala entre os posseiros. Os lavradores venceram!



Acima, os pistoleiros mortos: Euripedes, o chefe, Ozi, Jesus e Gabriel. Ao lado, os feridos: Joaquim e Ari. Só um escapou.

(II) NO PARÁ GRILEIROS FORMAM EXÉRCITO

Tropa de bandidos

Os "paranaenses" já eram há tempos o terror de Xinguara, Sul do Pará. Quem conta a história exata é o lavrador Antônio Lindo da Silva, que durante três meses trabalhou dentro da casa de Jorge, um dos chefes dos pistoleiros. Mesmo com risco de vida, Antônio conta:

"Os paranaenses eram mesmo nove: Gabriel, Euripedes, Ozi e Jesus, que morreram; o Ari e o Joaquim, feridos, e mais o Toninho, o Elio e o Jorge. Eles tem um grupo baseado em 22 homens. Quando a empreitada é grande, reúnem até 50, 60 homens, todos os pistoleiros da região. Formam um verdadeiro exército, tudo bem armado e municiado".

"TROPA ORGANIZADA"

Antônio prossegue: "Os paranaenses, que são os chefes, vieram do Paraguai, em julho de 1978, trazidos pelo Nelson Luiz Anela, da Fazenda Caxias do Sul, para brigar com outro fazendeiro. Viram que a boca aqui era boa e aí não pararam mais".

"Pegaram logo depois um contrato com o Antônio Quintino pra expulsar os posseiros de lá por 180 mil cruzeiros. Depois pegaram a empreita da Flor da Mata por 90 mil. Depois a da Canadã, por 270 mil, e a da Laranjeira, por 250 mil. Era uma tropa muito organizada".

Já Raimundo Moura da Silva diz: "Eu fui tirado da terra por uma turma de mais de 40 homens. Disse-lhe que se eu não corresse o jura-

mento era de morte". Até o sargento Pedrosa, da polícia, confirma: "Eles estavam aterrorizando toda a região. Quando eu os prendi, em agosto, eles já estavam sendo pagos pelo Armando Bualas, da Canadã, pelo Gilberto Teles, da Laranjeiras, e pelo Zanela, da Caxias do Sul".

"SE VIER NÓS DEVORA"

Logo depois do tiroteio, os pistoleiros sobreviveram ao que tudo indicava, tentaram mobilizar uns 40 homens para voltar à Gleba Marabá. Mas não contaram com o espírito de iniciativa dos lavradores, que alertaram a Comissão Pastoral da Terra, a CONTAG, o Movimento de Defesa da Amazônia, parlamentares, religiosos.

O fato é que logo depois a Polícia Federal esteve na área e garantiu que não haveria mais ataques. O próprio presidente do GETAT, Irs Pedro de Oliveira, reconheceu que os lavradores têm direito à terra, enquanto documentação de Rui Jacinto não lhe dá direitos.

A posseira, porém, está tirando suas lições de tantas lutas. Alguém diz: "Sabe, tem muita gente querendo andar. Tem advogado, tem bispo, tem deputado, que ajudam mesmo. Agora parece que tem até a polícia e o GETAT, estes depois de toda a sangria. Mas o posseiro sabe que quem ganha a terra pra ele é mesmo. E tem mais, nos nunca mais vamos ficar desprezados. Pistoleiro que entrar aqui nos devora. No Pará, ninguém mais assista com monitoira de defunto".



Posseiros da Gleba Marabá, com as armas de caça que usaram contra o grilo

(III) GOVERNO QUIZ BOTAR POSSEIROS PRA FORA

GETAT ficou do lado do grileiro

Quando a estrada PA-279, que liga Xinguara a São Félix do Xingu, ainda nem fora aberta, Manuel Neres Filho, o "Capuxaba", sua mulher, dona Creusa, e mais seis famílias cansadas da vida de peão de fazenda, penetraram mata adentro e botaram suas posses na Gleba Marabá.

Quando eu entrei na mata não tinha sequer um ramo quebrado por uma unha — conta um morador. A jerpe vinha mais de 22 quilômetros, tudo a pé, subindo e descendo ladeira. Desde muda de banana até taboa para fazer o rancho, tudo eu trouxe a pé.

Isso foi em fevereiro de 1977. Logo vieram outras famílias, pois a terra é boa e generosa. Mas o grilo também apareceu, na figura de Rui Jacinto. Os lavradores relatam:

ZEZÃO CORREU DA SOMBRA

"Em outubro de 78, ele trouxe o IBDF e mais a Polícia pra nos feriar."

Fomos multados em 180 mil, mas ninguém pagou, que é tudo posseiro pobre. Depois ele ameaçou derrubar toda a mata a traço. Depois falou que ia botar 2 mil porcos pra comer a roça. Em dezembro trouxe pra cá o famoso Zezão, pistoleiro

perigoso, pra desapropriar os posseiros. Mas o Zezão foi que se espantou com a sombra e correu.

GETAT APOIOU GRILEIRO

"Mas o diabo apareceu com o GETAT — contam os posseiros. Agora em outubro o grileiro entrou na área com o GETAT. Um tal de Dr. Pedro falou que a área era do Rui. Que o Rui tinha o título e que a área tinha que ser desocupada. Falar que daí a 20 dias nós vamos ver de que lado a bola grande ia cair. Que os posseiros não tinham direito a nada."

"Acho que o GETAT foi um que

só entrou pra nos derrotar — dir outro —. Foram lá só pra fazer pressão, acompanhando os jagunços do Rui. Pois não deu outra coisa. Com base de 20 dias, no dia 3 de novembro, entrou aqui um pessoal dizendo que era agrônomo, autorizado pelo GETAT, para cortar o perímetro da área pro Rui. A posseira não acreditou. Disseram que eles não iam medir a terra pro Rui Jacinto, que o Rui era grileiro. Disseram que eles, os agrônomos, não iam ter agasalho e podiam voltar. Ai eles voltaram. Bem, dois dias depois chegaram os pistoleiros, mas o senhor já sabe o resultado".

UNIÃO SOVIÉTICA AMEAÇA POLÔNIA

Tribuna Operária

Preparativos de agressão

As tropas soviéticas que rondam a Polônia

Divisão blindada	Divisão de artilharia
Divisão de infantaria	Centro grevista

Os meios de imprensa dos Estados Unidos estão comandando uma grande campanha publicitária mundial em torno do problema polonês, e é claro que o fazem com segundas intenções. Basta ver os noticiários, mesmo no Brasil, para ver que o interesse dos americanos é fazer a Polônia escapar da área de influência soviética para cair na dele.

Porém fatos são fatos. É um fato (veja o mapa) que a União Soviética concentrou divisões e mais divisões em volta do território polonês. É fato que os dirigentes dos países do Pacto de Varsóvia foram convocados às pressas a Moscou para discutir a crise polonesa. É fato que, há doze anos, tanques russos invadiram a Checoslováquia, a pretexto de "defender o socialismo" e até hoje se esqueceram de sair. E que ainda no ano passado, o Afeganistão teve a mesma destino.

A ameaça de agressão militar, portanto, é real. A Polónia vive uma crise aguda, com todas as características das crises clássicas do mundo capitalista. Os operários rebelaram-se em julho contra um aumento absurdo do preço da carne, iniciando uma onda de greves de longo alcan-



Tropas soviéticas em exercício: armas para a agressão

ce. Porém outras forças, alheias à classe operária, trataram de se aproveitar da greve. Na ausência do partido governante, o Partido Operário Polonês Unificado, Gierk foi desbançado e saiu sem deixar autoridades entre os trabalhadores. Mas no seu lugar está agora um certo Stanislaw Kania, que parece decidido de uma vez por todas a rasgar a fantasia de socialista.

Kania colocou no cargo de vice-primeiro ministro um representante das forças obscurantistas da Igreja polaca. Estendeu a mão solteiramente para os Estados Unidos e a Alemanha Ocidental, atrás de mais empréstimos. Decidiu adotar o sistema da "autogestão", posto em prática na Iugoslávia com consequências catastróficas para os trabalhadores. Deu

Esta receita de tipo genuinamente capitalista está agravando os poderes da classe operária e dos

camponeses pobres da Polónia, está assanhando como nunca as forças mais negras da reação polonesa. E está inquietando o visivelmente os chefes de Moscou, não por ser anti-operária, mas por ser pró-americana, pró-ocidental e, portanto, anti-soviética.

ARROGÂNCIA DE BREJNEV

A União Soviética tem graves responsabilidades pelo desastre polonês. Khrushchev, o renegado que iniciou o desmantelamento do socialismo na URSS, foi quem mandou tirar o traidor Gomulka da prisão onde os operários poloneses o haviam colocado, para elevá-lo às alturas do Poder. De Gomulka e Gierk e de Gierk a Kania, a linha da restauração capitalista na Polónia só tem feito se aprofundar.

Porém uma coisa Brejnev e seus comparsas não admitem de jeito algum, que a Polónia escape da sua órbita para cair na dos Estados Unidos. Entra aí o jogo bruto da luta entre as duas superpotências, ambas arrogantes, ambiciosas. Neste jogo não há regras, vale tudo, inclusive a agressão militar que Moscou prepara contra a Polónia.